



## DIÁLOGOS SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E PRODUÇÃO DE MÍDIA: AS RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3670

Márcia Adriana Tavares, UEM

Patrícia Silva Duarte, UEM

### Resumo

Neste trabalho apresentado no Simpósio temático: “Professores de História e historiadores: ensino e didática da História entre (in) definições e experiências da História pública”, no **VIII Congresso Internacional de História**, objetiva-se apresentar o trabalho pedagógico sobre o ensino de História, as relações étnicorraciais no Brasil e o Dia da Consciência Negra, e produção de mídia, realizado em algumas escolas públicas do estado do Paraná: Escola Estadual Dr. Gastão Vidigal, em Maringá; e Colégio Parigot de Souza em Mandaguçu; desenvolvidos em aulas das disciplinas de Filosofia e Sociologia. Com a Lei n. 10.639/2003 incluiu-se no currículo o estudo da História, cultura africana e afrobrasileira, e também se inseriu o “20 de novembro - Dia da Consciência Negra” no calendário escolar. Caminhos metodológicos: estudo da temática proposta e a produção de vídeo organizado pelo alunado, no sentido de verificar como este compreendeu o dia da Consciência Negra. Segundo Circe Maria Fernandes Bittencourt em **Ensino de História** “*É preciso preparar os alunos para uma leitura crítica de filmes.*” (BITTENCOURT, 2005, p. 376). A partir de diálogos interdisciplinares, entre História, Filosofia e Sociologia, buscou-se expor a importância do povo negro e da cultura afrobrasileira, na sociedade brasileira.

### Palavras Chave:

Ensino de História;  
Cultura afro-brasileira;  
Consciência Negra;  
Mídia.

## Introdução

Neste trabalho apresentado no Simpósio temático: “Professores de História e historiadores: ensino e didática da História entre (in) definições e experiências da História pública”, no **VIII Congresso Internacional de História**, objetiva-se apresentar o trabalho pedagógico sobre o ensino de História, as relações étnicorraciais no Brasil e o Dia da Consciência Negra, e produção de mídia, realizado em algumas escolas públicas do estado do Paraná: Escola Estadual Dr. Gastão Vidigal, em Maringá; e Colégio Parigot de Souza em Mandaguaçu; desenvolvidos em aulas das disciplinas de Filosofia e Sociologia. Com a Lei n. 10.639/2003 incluiu-se no currículo o estudo da História, cultura africana e afrobrasileira, e também se inseriu o “20 de novembro - Dia da Consciência Negra” no calendário escolar.

Segundo a historiadora Portuguesa Isabel Barca em uma entrevista para a revista Nova Escola afirmou que:

“Muitas pessoas ainda acham que a disciplina de História é uma complexa reunião de datas, fatos, lugares e personagens de outrora. Talvez por isso se pense que a disciplina trata do passado longínquo de sociedades das quais nem os estudantes nem os educadores participaram. Isabel Barca mostra por que essa ideia é equivocada. Dedicada ao estudo do ensino de História para a Educação Básica, ela defende a importância de um trabalho em sala com recortes temáticos, que estabeleça ligações entre o ontem e o hoje e faça dos alunos sujeitos históricos.” (NICONIELO,2013).

A nossa preocupação com o ensino de história tem por proposta discutir novas possibilidades no ensino de história usando as mídias digitais. Na gênese a palavra história, segundo sua etimologia, refere-se à visão dos

acontecimentos apreendidos pelo histor, "aquele que vê", o que põe fim à ilusão tão disseminada de que o historiador registra verdades absolutas. Ao investigar o sentido do conceito história, Jacques Le Goff escreveu: A palavra história (em todas as línguas românticas e em inglês) vem do grego antigo *historie* (...). Esta forma deriva da raiz indo-européia *wid, weid*, "ver". Daí o sânscrito *vettas*, "testemunha", e o grego *histor*, "testemunha" no sentido de "aquele que vê". Essa concepção da visão como fonte essencial conhecimento leva-nos à ideia de que *histor*, "aquele que vê", é também "aquele que sabe"; *historiein* em grego antigo é "procurar saber", "informar-se". *Histoire* significa, pois "procurar" (Le Goff, 1996, p. 17). A visão de quem "procura saber" emana do sujeito, e o acontecimento se desenvolve na realidade do mundo. A visão do historiador busca identificar e explicar as atividades humanas, mas ela não é onipotente. A compreensão e o conhecimento histórico do modo como às pessoas, os professores e os seus alunos captam, interpretam e apresentam o processo histórico. Portanto, o conteúdo desse saber sempre comportará uma pluralidade de enfoques.

O ensino de História pode ser um mecanismo de construção de conhecimento que orienta os alunos na sua tomada de consciência de sua identidade pessoal e social, tornando-os aptos a compreender e intervir na sua realidade. Sendo assim, temos como propósito uma atitude reflexiva sobre o processo de ensino da história. Segundo Jonatas Roque Ribeiro 2013, o trabalho do pesquisador e do professor não é considerado estanque. Ao lidar com o universo dos seus alunos, o professor pode e deve incentivá-los a pesquisa:

“A docência envolve uma proposta pedagógica e um modo de conceber a produção do conhecimento histórico que estão intimamente ligados. A relação professor-aluno expressa sempre uma concepção de história mesmo quando professores

e alunos não se dão conta disso (...). Embora o passado enquanto tal não se modifique, a construção do conhecimento se modifica de acordo com o modo pelo qual o historiador se vê no presente, pensa o social e se insere nele, enquanto sujeito social e enquanto pesquisador”. (Vieira, et al. 2007, p. 65)

O tema proposto na aula de História foi o tema da consciência Negra. No dia 20 de novembro, foi instituído oficialmente pela lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data faz referência à morte de Zumbi, o então líder do Quilombo dos Palmares localizado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, na região Nordeste do Brasil. Zumbi foi morto em 1695, na referida data, por bandeirantes liderados por Domingos Jorge Velho.

Historiadores no início da década de 1970, motivou membros do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, em um congresso realizado em 1978, no contexto da Ditadura Militar Brasileira, a elegerem a figura de Zumbi como um símbolo da luta e resistência dos negros escravizados no Brasil, bem como da luta por direitos que seus descendentes reivindicam.

Com a redemocratização do Brasil e a promulgação da Constituição de 1988, vários segmentos da sociedade, inclusive os movimentos sociais, como o Movimento Negro, obtiveram maior espaço no âmbito das discussões e decisões políticas. A lei de preconceito de raça ou cor (nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989) e leis como a de cotas raciais, no âmbito da educação superior, e, especificamente na área da educação básica, a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, são exemplos de legislações que preveem certa reparação aos danos sofridos pela população negra na história do Brasil.

A existência da escravidão no Brasil durante quase quatrocentos anos, além de ter constituído a base da economia material da sociedade brasileira, influenciou também sua formação cultural. A miscigenação entre africanos, indígenas e europeus é a base da formação populacional do Brasil. Dessa forma, a matriz africana da sociedade tem uma influência cultural que vai além do vocabulário.

O fato de as escravas africanas terem sido responsáveis pela cozinha dos engenhos, fazendas e casas-grandes do campo e da cidade permitiu a difusão da influência africana na alimentação. São exemplos culinários da influência africana o vatapá, acarajé, pamonha, mugunzá, caruru, quiabo e chuchu. Temperos também foram trazidos da África, como pimentas, o leite de coco e o azeite de dendê.

No aspecto religioso os africanos buscaram sempre manter suas tradições de acordo com os locais de onde haviam saído do continente africano. Entretanto, a necessidade de aderirem ao catolicismo levou diversos grupos de africanos a misturarem as religiões do continente africano com o cristianismo europeu, processo conhecido como sincretismo religioso. São exemplos de participação religiosa africana o candomblé, a umbanda, a quimbanda e o catimbó.

Algumas divindades religiosas africanas ligadas às forças da natureza ou a fatos do dia a dia foram aproximadas a personagens do catolicismo. Por exemplo, Iemanjá, que para alguns grupos étnicos africanos é a deusa das águas, no Brasil foi representada por Nossa Senhora. Xangô, o senhor dos raios e tempestades, foi representado por São Jerônimo.

Desta forma, com as temáticas citadas a cima, os alunados produziram vídeos, analisaram as concepções e as influências da cultura Africana no Brasil. Os alunos do ensino público surpreenderam em seus trabalhos.

Conseguiram fazer relações, com os conteúdos de filosofia, sociologia e história. Refletiram, criaram e recriaram, as formas que a mídia, e a sociedade representam a cultura Africana no Brasil. Perceberam que o dia da Consciência Negra, vai para muito além de falar a escravidão, que não deixa de ser importante. Contudo este dia pode ser exemplos de formas de resistência, momentos para enaltecer, evidenciar e ressaltar a cultura Afro-brasileira. E por último os educandos se reconheceram como sujeitos históricos, integrantes da cultura africana e responsáveis para passar adiante aquilo que aprenderam e ensinaram nas aulas de história.

### **Objetivo Geral**

Discutir o ensino de história, por meio de práticas pedagógicas aplicadas na Escola Estadual Dr. Gastão Vidigal, em Maringá, e Colégio Parigot de Souza em Mandaguaçu.

### **Objetivos específicos**

Discutir o ensino de história por meio de novas práticas pedagógicas.

Pensar o trabalho do professor mediante a obrigatoriedade da lei 10.639/2003

Promover a reflexão, nos educandos, sobre a influência da cultura Africana no Brasil.

### **Justificativa**

A razão que delinea este trabalho versa sobre ações pedagógicas que devem ser tomadas pelos educadores e educandos das Escolas Estaduais Dr. Gastão Vidigal em Maringá, Paraná e no Colégio Parigot de Souza em Mandaguaçu Paraná. A questão central gira em torno das reais possibilidades de ações educativas para se estabelecer um verdadeiro pacto pedagógico interdisciplinar entre escola e educando voltado para a questão da valorização das

culturas africanas em comemoração ao dia da Consciência Negra.

Defende-se, a presunção que o verdadeiro conhecimento da realidade histórica é pressuposto para a preservação do patrimônio cultural material e imaterial que dispomos em nossa sociedade, desde nossa história local e da memória social nacional. O trabalho utiliza como metodologia o estudo de práticas pluridisciplinares em Filosofia e Sociologia como elemento norteador, enfatizando a preservação e valorização do legado histórico cultural, onde os africanos e seus descendentes causaram de grande repercussão nas diferentes produções Patrimonial, material e imaterial brasileira, através de atividades educativas de produções artísticas de variados seguimentos.

Atualmente, há leis que asseguram a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileiras, africanas e indígenas nas escolas. A lei 10.639 foi sancionada em 2003 e institui o ensino da cultura e história afro-brasileiras e africanas e a lei 11.645 complementa a lei 10.639 ao acrescentar o ensino da cultura e história indígenas. Ambas alteram a 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Para nortear o cumprimento da legislação, o Conselho Nacional de Educação aprovou em 2004 e o Ministério da Educação (MEC) homologou as raciais. Pelas diretrizes, o ensino deve ter três princípios: consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Os princípios se desdobram em diversas ações e posturas a serem tomadas pelos estabelecimentos de ensino. Com relação aos temas afro-brasileiros e africanos as DCN's especificam que: "O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de

ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares".

É papel fundamental da escola dar visibilidade a história, aos saberes e práticas populares garantindo a memória que compõem a historicidade brasileira, por meio de discussões palpadas em estudo acerca da contribuição étnicorraciais no Brasil, do patrimônio cultural material e imaterial, determinando como conteúdo proposto, à autora Maria Lourdes Horta enfatiza:

Atrás de cada artefato há uma pessoa, ou muitas pessoas. Descobrir quem eram, como viviam e suas manifestações culturais é um fator fundamental para a experiência humanizante que nos é proporcionada pelos objetos do patrimônio cultural. (HORTA, 1995 p.102)

A temática busca compreender a memória cultural africana e suas características que por sua vez está repleta de saberes e significados que devem ser resguardados como patrimônio material e imaterial local. Para Horta (2000, p.28) a memória individual, assim como a memória coletiva, é na verdade a fonte e a base fundamental para o pleno exercício de nossa vida consciente e de nossa inserção na vida social.

Sendo assim, buscar aproximar os educandos da Cultura Africana, como sendo uma alternativa de conhecer a história do outro e ao conhecê-la, também valorizá-la, discutir sobre sua existência constitui-se numa maneira prazerosa de aprender, além de levar a mudanças de comportamentos e o sentimento de pertencimento.

Do ponto de vista do patrimônio, a escola é, de fato, a extensão da família. É ali que as novas gerações recebem a maior parte do legado cultural herdado do passado. Cumpre aos mestres despertar nos alunos sentimentos de respeito e amor, mostrando a eles o valor de nossos bens culturais [...]. (ROCHA, 1989).

Essa proposta tem como objetivo não somente impressionar os educandos para a valorização do Dia da Consciência Negra, mas também conhecer e desenvolver habilidades para a solucionar problemas raciais no ambiente escolar e social, dentre elas a preservação da memória de nossos antepassados, conforme complementa autor:

Ao lermos os textos europeus que retratam o Africano (o mesmo sucede, aliás, se interpretarmos ícones), mesmo os mais descritivos, temos de partir sempre do princípio de que estamos perante representações, o que é dizer, perante (re)construções do real. [...] Essa construção faz-se de acordo com as categorias culturais e mentais de quem viu, ou (e) de quem escreve [...]. A representação é, aqui, a tradução mental de uma realidade exterior que se percebeu e que vai ser evocada — oralmente, por escrito, por um ícone — estando ausente. (Horta, 1995: 189)

Através do desenvolvimento dessas ações, percebe-se a relevância de se pesquisar a história brasileira, tais como primeiro processo de urbanização e instalação de pontos fundamentais para o desenvolver da cidade, indagando os educandos para que haja uma compreensão por eles junto a preservação do patrimônio material e imaterial motivando a valorização de uma identidade que até então era exposta pela história factual como dos grandes nomes representados pela classe burguesa e política local.

## Metodologia

Assim, dentro da proposta de trabalhar na escola a valorização da cultura afro-brasileira, professores e alunos do Ensino Médio das Escola Estadual Dr. Gastão Vidigal, em Maringá; e Colégio Estadual Parigot de Souza em Mandaguaçu, envolveram-se na realização de um trabalho interdisciplinar nas disciplinas de Filosofia e Sociologia, buscando promover um espaço cultural para trabalhar expressões da arte e cultura negra, desenvolvendo atividades variadas que são abordadas através de apresentação de vídeos:

- A Capoeira e sua importância - através de demonstrações coreográficas elaboradas pelos alunos; - A musicalidade de contextualização negra - com a participação da Equipe Multidisciplinar das escolas;
- Coreografias fundamentadas nas raízes negras - com a participação de educandos;
- A teatralidade interpretativa de textos da cultura africana - monólogos, poesias etc.
- A beleza negra - com a realização de um desfile para escolha da Beleza Negra das Instituições.

A elaboração e desenvolvimento desta prática de produções artísticas e culturais negra visam a atender dois pré-requisitos básicos: o exercício da cidadania e vivência dos valores através da apropriação da arte e da cultura, como ferramentas necessárias para estar num mundo formado por sociedades que usam o preconceito como instrumento das esferas de diferenças sociais e, ainda, o resgate da herança africana, cuja história fora esquecida e ignorada ao longo do tempo.

As produções tem por objetivo favorecer o desenvolvimento da expressão corporal, oral e cultural dos alunos, através

de momentos de interpretação (monólogos), coreografias, músicas, Capoeira, poesias e a valorização estética negra, para a ampliação dos conhecimentos e formação de hábitos e atitudes fundamentais nos valores éticos. Propõe-se, ainda, dar a conhecer, através de demonstrações culturais e de atividades teatrais e de interpretação alguns aspectos importantes do contexto da escravidão negra, ressaltando os valores que impulsionaram e orientaram a sua vida e a formação de sua identidade.

## Conclusão

O ensino de História pode desempenhar um papel importante na configuração da identidade ao incorporar a reflexão sobre o indivíduo nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, participação no coletivo, atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturais, valores e com gerações passadas e futuras.

Além disso, possibilita ao aluno reconhecer a existência da história crítica e da história interiorizada e a viver conscientemente as especificidades de cada uma delas. O estudo de sociedades de outros tempos e lugares pode possibilitar a constituição da própria identidade coletiva na qual o cidadão comum está inserido, à medida que introduz o conhecimento sobre a dimensão do 'outro', de uma 'outra sociedade', 'outros valores e mitos', de diferentes momentos históricos.

Logo, ensinar História requer do professor a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra. Isso significa superar a mera transmissão de informações, já que essa não tem por finalidade o desenvolvimento intelectual, mas, ao contrário, deforma a capacidade de pensamento histórico do aluno e a possibilidade de consolidar habilidade de análise da própria realidade social.

## Referências

HORTA, José da Silva (1995). “Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações”. Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África. Lisboa, Linopazes.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

RIBEIRO, J.R. Educação em Foco, e ensino de história: perspectivas e abordagens Páginas: Edição nº: 07, Mês / Ano: 09/2013, História p. 1-7.

ROCHA, Guido. Cartilha do patrimônio histórico e artístico de Minas Gerais. Belo Horizonte:

Secretaria de Estado da Cultura, 1989. 1 v. (sem paginação).

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. A Pesquisa em História. São Paulo: Ática, 2007.

<https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-o-ensino-de-historia> Acessado dia: 28/09/2017 as 19.15h

<http://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-da-consciencia-negra.htm> Acessado dia: 28/09/2017 as 19.40h

<http://escolakids.uol.com.br/influencia-africana-na-cultura-brasileira.htm> Acessado dia: 28/09/2017 as 20.35h

<portal.mec.gov.br> Acesso 26/09/2017 as 23:32